4 de Janeiro de 1920

ANNO IV — N.º 169

ASSIGNATURAS

Pagamento adeantado

Portugal e Hespanha, anno 2$000; semestre, 1000; Colonias portuguezas, 2$500 ou 2$000 pagos em Aveiro. Extrangeiro, exceptuando Hespanha, 3$000 fortes.

Numero avulso 40 reis

Redacção e administração

Praça Luiz Cypriano—Aveiro

O DE AVEIRO

SEMANARIO INDEPENDENTE

Proprietario, Director e Editor — HOMEM CHRISTO

Publicações

No corpo do jornal 300 rs. a linha. Pagina de annuncios 200 rs. a linha. A linha é contada em columna de annuncio.

Composto e impresso na TYPOGRAPHIA NACIONAL (a vapor), R. dos Santos Martyres, — AVEIRO.

Publica-se aos domingos

Educação Nacional

Nunca, em Portugal, grupo nenhum se constituiu menos em volta de um homem do que a *Liga de Educação Nacional*. A maior parte dos adherentes nunca me falaram, nunca me viram, e nunca ouviram dizer de mim *senão as peores coisas*. Nas mesmas circumstancias estão aquelles que me conhecem por já se terem de mim approximado. A impressão pessoal, n'esses como em todos, era detestavel. Muitos m'a teem confessado. Mas não é preciso que ninguem m'a confesse, porque logo ao primeiro olhar, ás primeiras palavras, eu a sinto e apalpo. Eu vejo a admiração extrema dos que se avizinham por encontrarem em vez de um bicho um homem. Ninguem se abeira de mim sem a impressão de que sou um urso, um troglodyta, pelo menos um selvagem. Ha pessoas que me querem conhecer só para se certificar de que, effectivamente, não sou um lobishomem. Tal fama me teem feito n'esse sentido que ha quem conserve o *terror* mesmo depois de elle ter ficado, ao primeiro encontro, attenuado. Ha pouco dizia-me uma senhora, de educação e distincção, que por motivo de hospedagem se encontrara commigo, uma vez, em certa casa: «Eu tinha-lhe medo. Fugia, quando sentia os seus passos!»

Era a vantagem dos quadrilheiros. A arma que elles empregavam. Amei sempre o isolamento e conservo esse amor. Ninguem lastima mais do que eu que se esteja a desfazer a lenda que crearam os miseraveis. Não é aos sessenta annos que se criam novos habitos, um outro modo de pensar e de sentir, que se almeja uma outra existencia, que se chocam ambições. O que os homens querem aos sessenta annos é, como eu quero,... que os deixem. Velho, cheio de decepções, desilludido, com uma vida passada de soffrimentos e amarguras, victima das maiores iniquidades e por isso mesmo com um fundo de revolta que já não é possivel apagar, descrente dos homens, meio sceptico por intelligencia e por consciencia, ando n'isto... como um forçado. Sem, todavia, ser um pessimista, como disse no artigo anterior. Sem me invadir o desalento. Antes, por vezes, com o enthusiasmo d'um rapaz. Antinomias da alma humana, que é um caldeirão a ferver, com muitas coisas dentro, n'uma lucta de fusão que não chega, jamais, a realizar-se.

Com esse amor do isolamento, com a minha aftitude de *terrivel*, impiedoso no castigo dos bandidos, sem condescendencia com os parvos, nada lisonjeiro, pouco amavel, com um feitio que se não dava no ambiente creado, eu favorecia admiravelmente a campanha dos miseraveis. As apparencias, de certo modo, davam-lhes a elles razão e a mim condemnavam-me. E assim foi-lhes facil, aos vis quadrilheiros, crear-me uma reputação deploravel.

Não ha, pois, em mim nenhum motivo, absolutamente nenhum, de attracção pessoal. Se eu sirvo de ponto de apoio é pela confirmação que os factos trouxeram á minha propaganda de quarenta annos, confirmação esmagadora, confirmação estrondosa. Ha quarenta annos que, sem ser ouvido, eu clamo n'este deserto. Onde o rufar do meu tambor e o toque do meu clarim emfim encontram echo. Não são phrases de valor imaginativo, são-n'o de valor real. No meu estylo ha rufos de tambor, ha toques de clarim chamando á guerra, tocando a reunir e á carga. Sentem-se gritos de alarme, de chamamento ás armas, mesmo sem se soltar expressamente o grito de *alerta! alerta! ás armas! ás armas!* E' todo o segredo do meu estylo de jornalista de combate. Cada palavra é um grito de guerra, cada phrase um tiro, cada exclamação uma chicotada.

Nunca me preoccupei muito com os *rotulos*, pois é facil, a cada um, affirmar o que quizer. Preoccupei-me muito mas foi com as intenções e com os actos. D'ahi a minha guerra ao bandido, de uma coherencia, uma decisão, uma tenacidade rara. A melhor idéa é *pessima* quando applicada de má fé. A melhor idéa é na pratica, quando o praticante não está á altura d'ella, desastrada ou nulla. E a peor idéa mais proveitosa do que a melhor idéa quando os encarregados de a pôr em execução o fazem com sinceridade, bons desejos de acertar, zelo, tacto ou bom senso, e intelligencia superior. O que inutilisou esta terra não foi a monarchia nem é a republica. Foi o imbecil e o tratante. O imbecil e o tratante que eram e são os mesmos quando affixavam e affixam o rotulo monarchico, republicano, socialista ou bolchevista.

Não dei ás formas de governo, nem dou, como tantos deram e dão, como tantos lhes attribuiram e attribuem, importancia capital e decisiva. A que eu dei importancia capital e decisiva foi á mentalidade nacional, foi á educação publica. Foi a nossa baixa e falsa mentalidade, foi a nossa baixa e desgraçada educação publica, que permittiram todas as especulações, todas as immoralidades, todas as torpezas e sandices que nos estão anniquilando em republica, como nos anniquilaram em monarchia. Foi a nossa baixa e falsa mentalidade, foi a nossa baixa e desgraçada educação publica, que nos puseram á mercê dos corrilhos e compadrios, das egrejinhas e capellinhas, dos conluios de prostibulo, de toda aquella politica abjecta que já não tendo nome em pleno regimen republicano que a defina, tanto desceu, Pinheiro Chagas definiu *politica de serralho* em plena monarchia. Foi a nossa baixa e falsa mentalidade, foi a nossa baixa e desgraçada educação publica que geraram, fizeram crescer e florescer o charlatão, o traficante, esse ignobil bandido politico que a todos nos mette nojo, que é o mesmo ou peor em republica do que foi em monarchia, e que já se offerece peor do que na republica no *redemptor socialismo*. Falliu o *redemptor* constitucionalismo. Falliu o *redemptor* republicanismo. E fallido anda já, pelos canos d'exgoto, o *redemptor* socialismo.

Eis o que sempre me preoccupou. Eis o que eu sempre julguei de *capital importancia*. Tudo *vae a terra*, emquanto não fôr outra a nossa mentalidade, emquanto não fôr outra a educação publica.

Sempre me preoccupou esse problema, sempre o julguei de capital importancia, e por isso movi e movo guerra dura e crua, tenaz e implacavel ao banditismo e aos bandidos. Que fossem monarchicos os que viessem auxiliar-me na guerra ao banditismo republicano, ou republicanos os que viessem auxiliar-me na guerra ao banditismo realista, pouco me importou. O que sempre me importou, e a isso se chamou *incoherencia*, e isso se apontou como o *meu crime*, foi não poupar uns nem outros, foi combate-los a todos vivamente. Duas fórmas especiaes toma essa desgraçada mentalidade, essa desgraçada, melhor dizendo, essa *falta desgraçada* de educação publica. Uma é a *obrigação*, e n'isso consiste essencialmente a torpe moral e o torpe espirito de quadrilha, de defender todos os canalhas e todas as canalhices dentro do mesmo gremio partidario ou do mesmo credo politico. E'-se republicano? Que sejam bemvindos todos os canalhas ao campo da republica. E'-se socialista? Serão acolhidos com palmas e vivas, agasalhados, acarinhados, exaltados, engrandecidos, todos os malandros que entrarem no campo socialista. E'-se democratico? E'-se regenerador liberal? Tudo bom quanto fôr democratico. Tudo bom quanto fôr regenerador liberal. Ao ouvido uns dos outros ainda se verberam os bandidos. Mas em publico defendem-se, e calorosamente. Torpeza sem nome!

Eu era *incoherente*, e sou, pelo simples motivo de nunca me ter querido submetter a essa moral de bandidos.

Esta é uma das formas, e essencial, da nossa baixa mentalidade, da nossa desgraçada educação publica. Mas outra, não menos essencial nem menos significativa, é a de considerar *a politica* justificação bastante para as mais vergonhosas acções e as mais indecentes apostasias. Vae-se ao poder em nome das mais solennes promessas e dos mais rigorosos compromissos e no dia immediato falta-se a tudo. E' politica! Vae-se ao poder em consequencia de um combate cerrado ás mais revoltantes patifarias para logo no dia seguinte, logo! logo! não só deixar de pé essas infamias, e impunes os seus auctores, mas tambem para as praticar *mais revoltantes* ainda. E' politica! São as difficuldades *da politica*! São os *embaraços do governo!* E todos os mais subterfugios e sophismas, e todos os mais pretextos charros que encontra sempre o incapaz para as incapacidades, e o trampolineiro para a trampolinice.

Eis a causa capital da pavorosa queda portuguêsa. Fez-se esta moral, adoptaram-se estes processos, e toda a gente os acceitou ou convencida ou *vencida e submissa*. E digo *vencida ou submissa*, porque essa moral de salteadores, porque esses processos de grilhetas constituiram ao mesmo tempo, n'esta sociedade corrupta, **a mais terrivel tyrannia.** A *Liga de Educação Nacional*, alem de muitas outras vantagens, tem a de offerecer, emfim, a liberdade, a independencia, a todos os espiritos *d'élite*. Nas quadrilhas penetra-se *de rastos*. Ou se acceita o santo e a senha do *compadrio*, ou se começa por *adular as coteries*, por lisonjear *os altares* para obter as boas graças dos santos, ou é-se expulso e corrido.

O homem intelligente fica coacto deante do mediocre. O homem de caracter sente-se sem força deante do bandido. Ou se submette, ou renuncia á vida publica. Não tem outro caminho.

Pavorosa situação! E de tal forma pavorosa, e de tal forma, emfim, cansou, aborreceu e indignou, que a isso se deve, e a mais nada, tantos olhos se voltarem hoje em Portugal para o auctor d'estas linhas. Porque uma coisa ha de que toda a gente se convenceu n'esta terra, amigos e inimigos, e é a minha maior honra, a de que, se o poder me cahisse nas mãos, eu não transigiria, nem em pouco nem em muito, com a imbecilidade, a crapula e o crime. A de que eu não iria invocar pretextos torpes e estupidos para me deixar embaraçar nas malhas da moral das quadrilhas. A de que eu não abdicaria deante de nenhum farçante ou charlatão, trocando o meu passado pelos risos dos tartufos. Ou me vinha embora, se d'outra forma não estivesse á altura de mim mesmo, ou seguia avante na linha dos interesses da nação e da honra dos principios.

E' o que ha a fazer. A Liga da Educação Nacional não se forma em torno de um homem que nunca fez nada para **agradar pessoalmente.** A *Liga da Educação Nacional* forma-se em volta de uma intransigencia honesta, de uma reforma da mentalidade portuguesa, de uma obra **impreterivel** de educação publica, de que esse homem, pelo seu passado de lucta, é a mais solida garantia. Eu não sou um chefe, nem o quero ser. Sou um ponto de concentração, simplesmente. Eu não imponho as minhas opiniões nem a minha pessoa, a ninguem. Ao contrario, offereço a todos a independencia da intelligencia e do caracter na politica portuguesa, a mais ampla liberdade de analyse e de critica. E a minha maior satisfacção, na altura da vida em que vou, seria não morrer sem o haver conseguido. N'uma palavra, o que desejaria seria formar *uma escola*, e de modo nenhum, no sentido vulgar do termo, *um partido*.

No proximo numero abordaremos a questão do programma. Mas lembrarei desde já que todos os programmas em Portugal *estão desacreditados*, porque ainda nenhum deixou de servir de capa *á hypocrisia*. A nossa garantia perante o publico não ha de ser o programma, mas a confiança que soubermos inspirar na pureza das nossas intenções, na honradez dos nossos propositos, na sinceridade com que nos dizemos dispostos a luctar pelos altos interesses da patria e dos principios.

Ai de nós, se não soubermos inspirar essa confiança, ou se ella for abalada por qualquer motivo!

Homem Christo.

A Caixa Economica de Aveiro e a sua transformação

A Caixa Economica d'Aveiro, a nosso ver, cumpriu a sua missão, aquella para que foi fundada. Prestou beneficios á gente do concelho de Aveiro e limitrophes, principalmente pela regulação do juro, livrando-a assim das garras da usura, e amealhando as pequenas economias de quem não podia depositar grandes importancias. Porém, hoje, ha quem faça mais e em melhores condições; portanto, tem de obedecer á lei natural, deve transformar-se, aproveitando d'essa transformação o mais que ser possa, para a beneficencia, e para auxiliar a pobreza.

Até aqui, fêl-o d'uma maneira, agora passa a fazêlo de outra, visto já não ser precisa para o fim á que era destinada. E, caso curioso e muito significativo! esta ideia, partiu, ou foi sugerida, segundo corre, por pessoa que não é extranha aos serviços da Caixa.

A C. E., actualmente, não vive, vegeta; e com a concorrencia que se está estabelecendo em Aveiro, das outras casas bancarias, não é provavel que o seu viver melhore. Alem d'isso, os beneficios que está prestando pouco vão além do meio por cento que os seus depositantes recebem a mais do que receberiam em outra parte: e isto por enquanto, pois ninguem pode prever o que terá de acontecer no dia de amanhã, tanto mais, que o juro do deposito já foi reduzido, ainda ha um anno, de 5 para 4,5 p. c. E quem é o depositante da C. E.? Pode-se ver. E' na sua grande maioria o individuo mais rico, ou mais remediado do concelho de Aveiro e arredores.

O Estado isenta a C. E. de Aveiro de contribuições pelos seus negocios. Pergunta-se: é justo que o Estado preste beneficios a quem não precisa d'elles, havendo em Aveiro tanta pobreza e tanta miseria? Pois é neste momento, em que a carestia da vida tanto augmentou, de modo a comprometter a vida dos estabelecimentos de beneficencia que aqui existem, que a Providencia se encarrega de fazer apparecer uma proposta que foi apresentada á assemblea da C. E. de Aveiro, pela qual, ficando a casa a mesma, com as mesmas paredes, com os mesmos empregados, (em melhores condições de vida), com as mesmas operações garantidas, de modo que, os seus clientes, pobres ou ricos, se quizerem, lá continuem a negociar, ainda se depositariam, onde mais conviesse, 200 000 escudos, cujo rendimento annual, de dez contos approximadamente, seriam distribuidos todos os annos pela miseria e pobreza.

Pergunta-se ha alguem, de espirito lucido, pensando a sangue rrio e sem paixão, que seja capaz de defender a continuação da C. E. como está e funcciona, em prejuiso da distribuição de 10 contos de reis de esmolas todos os annos, ficando, demais, a executarem-se no mesmo edificio todas as operações bancarias d'hoje, e muitas outras e de maior monta, que concorreriam immenso para o desenvolvimento d'esta malfadada região, que, sendo tão bonita e com tantos recursos, tem estado a dormir um somno que parece de morte? Bem sabemos e é preciso frisar que a C. E. de Aveiro, não morre facilmente, embora para isso tenha de viver com oxigenio. Porém esse caso é outro.

Mas entre viver sem nada beneficiar, e transformar-se beneficiando muita miseria e muita pobreza, não ha hesitação possivel. Transforme-se. Nós somos dessa opinião, e porque estamos perfeitamente calmo, arredado da discussão que muitas vezes cega, sem paixão, que transtorna a maneira de pensar, sem amisades que desviam do verdadeiro caminho, sem interesse, a não ser o interesse pelos desgraçados, que a infelicidade tem perseguido, assim o desejamos.

Sim! porque alem de tudo, não temos o direito de repellir e fazer desapparecer um rendimento que não nos pertence, mas aos pobres.

Vem isto a proposito de um impresso que o sr. dr. Jayme de Magalhães Lima fez espalhar na cidade, e onde, por signal, vem uma referencia ao sr. dr. Lourenço Peixinho que é injusta. O sr. dr. Lourenço Peixinho, que todo o mundo tem visto que não poupamos quando discordamos dos seus actos, tem prestado tão relevantes serviços como provedor da Santa Casa da Misericordia, e n'esse cargo tem demonstrado tanto zelo, que censura-lo ainda por cima é ir um pouco alem do que a paixão permitte.

Nunca deixaremos de mostrar ao sr. dr. Lourenço Peixinho a nossa discordancia quando não estivermos de accordo. Mas tambem nunca deixaremos de affirmar que, até hoje, no conjuncto dos seus actos, como presidente da camara e provedor da Santa Casa, só ha muito, e muito, que applaudir.

Marinheiros da Armada

Dos marinheiros do *Vasco da Gama* recebemos um cartão de boas-festas.

Ora eis aqui um cumprimento que por vir da alma de patriotas e de republicanos, **e do povo**, mais nos alegra que se viesse dos mais altos potentados.

Aos soldados representantes da nossa patriotica e heroica marinha de guerra aqui deixamos os nossos agradecimentos.

Cartões de visita Executam-se n'esta officina desde 1000 reis o cento.

Falta um Governo

Os ultimos acontecimentos de Lisboa, os casos das bombas, vieram confirmar *immediatamente*, **logo a seguir**, o que, sob o mesmo titulo do artigo de hoje—*Falta um Governo*—no numero anterior escrevemos. Os bombistas eram *marcas conhecidas*. Os antros onde elles forjavam os seus crimes já tinham estado *sob a acção e a vigilancia da policia*. Mas se os governos, em vez de defensores da sociedade, são **auctores e cumplices**, todos elles? Nem podem ser outra coisa, desde que não passaram nem passam de **representantes de verdadeiras quadrilhas.** Os partidos politicos em Portugal **são quadrilhas organisadas** para explorar a nação em proveito de uma infima minoria. Logo, criminosos e representantes de criminosos, como hão de os governos castigar os criminosos e reprimir o crime?

E' preciso *vermos as coisas bem*. Uma das qualidades que nos distinguem como jornalista é *pôr as questões bem*. E isso é tudo. Uma questão mal posta é uma questão embrulhada ou perdida. Ou nunca se resolve, ou resolve-se mal. Para julgar com criterio a primeira condição *é vêr*. Sem conhecimento dos antecedentes ninguem pode deduzir com plena consciencia os consequentes. Como hão de ser os governos defensores da sociedade se, filhos do crime, elles não vivem senão do crime? Que auctoridade teem elles para perseguir os criminosos se não ha criminosos como elles?

Eu disse já no ultimo artigo, mas não se perde nada em repeti-lo, que quem matou a questão portuguêsa foram muito mais os republicanos da republica velha do que os proprios dezembristas. Sem o criminoso desleixo dos dois governos da *Uuião Sagrada*, e, sobretudo, sem o procedimento infamissimo dos camachistas, com quem vivem agora no mais vergonhoso e no mais sujo dos conluios a maior parte dos antigos evolucionistas, não teria sido possivel o dezembrismo. Não o digo de agora. Disse-o logo, como de todos é sabido. Contra uma coisa e outra, o desleixo e os erros dos governos da *União Sagrada*, e a miseranda e ignominiosa traição dos camachistas, aqui clamei, em numeros e numeros d'este periodico, antes do 5 de dezembro, com a mais extraordinaria energia. Mesmo através da porca traição camachista, contra a qual gritaram tantos homens sem vergonha que agora pactuam com ella abjectamente, o que mais confirma o que sempre tenho dicto de que em Portugal não ha politicos **mas bandidos**, mesmo através d'essa infamia haveria triumphado a **boa causa**, a causa nacional, a causa portuguêsa, a da redempção d'este povo, se os governos da *União Sagrada* a teem defendido com habilidade e energia. Foram as suas *complacencias faceis*, aquelle *deixa-te ir* que caracteriza toda a sciencia politica n'esta terra miseravel, a imprevidencia dos incapazes, dos inhabeis, que a perderam. Adiar, transigir, é facil. Resolver, e proceder contra os maus, é que é difficil. E tanto é mais de lamentar essa inepcia e essa inercia quanto foi unica a occasião que se perdeu. Os governos da *União Sagrada* não se deviam ter esquecido de que a cartada que se jogava era de vida ou de morte para o paiz. E quando se joga uma partida d'essa ordem, joga-se com a decisão e com a audacia que o arriscado lance reclama. Joga-se *para ganhar*, não se joga para perder. E jogar a medo é perder.

Comtudo, tambem já o disse mas não é superfluo repeti-lo, o peor mal não foi esse. Tendo sido esse um grande mal, o peor mal não foi esse. O peor mal, o mal irremediavel, o mal funesto, foi o criminoso espectaculo a que desde a revolta de Monsanto vimos assistindo. Pode-se dizer, sem exaggero, que o que vem desde então presidindo aos destinos do paiz é a crapula e o crime.

Falta um governo. E emquanto elle faltar hão de se repetir attentados monstruosos como os que ultimamente se deram em Lisboa. Governos que commettem os crimes, que teem commettido os governos republicanos que administram a republica desde a queda do dezembrismo, não podem reprimir nem evitar o crime. Como, se elles são os primeiros a dar o exemplo do crime? Se elles, para viver, precisam do auxilio do crime? Só pode castigar o crime um governo honesto que não se apoie no crime. Ora nós estamos fartos de ouvir dizer aos proprios ministros, que chegam a dize-lo no parlamento, que se commettem actos crapulosos, iniquidades, attentados á verdade e á justiça, é porque os correligionarios a isso os obrigam. Não precisavam de o dizer, que nós temos olhos para vêr e cabeça para formar raciocinios. Mas dizem-n'o. Como querem os senhores que os governos não protejam os monarchicos, se as quadrilhas em que elles se apoiam pactuam com os monarchicos miseravelmente? Como querem os senhores que os bolchevistas não fabriquem bombas, e não campeiem impunes na sua destruidora propaganda, se as quadrilhas alimentam os sicarios e se os proprios governos promovem e solicitam o apoio dos bolchevistas? Quem levou ao parlamento o Ladislau Batalha, o Dias da Silva e os outros bolchevistas? Quem *lhes paga* para elles fazerem propaganda bolchevista? E' ou não é o Ladislau Batalha um bandido? E' ou não é o Dias da Silva um gatuno? E o Alfredo Franco, mandado á America do Norte officialmente? E tantos outros?

São ou não são elles traidores ao seu paiz e bolchevistas?

E foram ou não foram os governos da *republica velha* que os metteram nos bairros sociaes, que os mandaram á America do Norte, que lhes deram entrada na camara, que solicitaram e solicitam o seu apoio, que mendigaram e mendigam o seu auxilio?

Logo, quem fabrica as bombas são os republicanos que praticam ou toleram essas vilezas. Logo, quem as lança nas ruas de Lisboa **são elles.**

Desenganemo-nos, aqui só ha duas situações e dois caminhos: homens honestos para um lado, bandidos para o outro. Nada de sophismas, que os não permitte mais o estado gravissimo em que se encontra o paiz. Dizem-nos que ha homens honestos dentro dos partidos. Como é que o provam? Mantendo solidariedade com os bandidos? Parece-me que não é a melhor maneira de repellir o criminoso e de estygmatisar o crime. Ha muitos annos que eu oiço apregoar que ha homens honestos dentro dos partidos. Mas sempre os vi mudos e quedos deante dos bandidos. Não é má maneira de mostrar honra e brio. O que os factos attestam, com manifesta verdade e incontestada clareza, é que sempre foram os bandidos que em Portugal dominaram os partidos. Que papel desempenhou então a decantada honradez dos homens serios dentro d'elles? O de fornecer ao crime a força e o prestigio que elle não podia tirar de si mesmo? O de cohonestar as infamias? O de dar á crapula apparencias de moralidade e de virtude? Só se foi isso! Mas ai de nós, se não teem outra missão que a de *paus de cabelleira* os homens de bem do meu paiz.

Os homens de bem filiados nos partidos murmuram, mas ao ouvido dos amigos. Protestam, mas de forma que os protestos não embaracem os bandidos. Clamam, mas deixando que os quadrilheiros os conduzam pela soga, os quadrilheiros, que elles, clamando, humildemente vão seguindo. Abaixo essa hypocrisia! Fóra essa farçada, mais um trecho picaresco d'este nosso entrudo permanente! Esse é dos casos em que o ladrão que fica ao portal é mais ladrão do que o ladrão que vae á vinha.

Os governos é que são os geradores de todas as immoralidades e de todos os abusos, porque assim os querem as quadrilhas. Mas são os *homens de bem* filiados nos partidos, que eu já uma vez defini *pulhas de bem*, os geradores das quadrilhas. Fazer o *mal e a caramunha* é uma das mais repugnantes manifestações da hypocrisia. Censurar o malvado e consenti-lo, fulminar o criminoso e ser solidario com elle, é mais affrontoso da justiça divina e humana que directa e propriamente fazer o mal e commetter o crime.

Os homens verdadeiramente dignos filiados nos partidos ou dominam os bandidos ou retiram-se. A dignidade, a hon-

ra, o civismo, não lhes admittem nem consentem outro caminho.

Haviam de vê-los, se amanhã um governo sério subisse as escadas do poder. Se ámanhã esse governo sério expulsasse das repartições publicas a cohorte de sicarios que, pejando-as, exgota o thesoiro e deshonra a republica. Se agarrasse em todos esses agitadores com cadastro, que, encobrindo-se sob o manto da politica, dos *ideaes*, dos *principios*, não passam de criminosos de direito commum, e os mandasse para as colonias africanas ou asiaticas a isso destinadas, onde deveriam arrastar uma grilheta ha muito tempo. Se instaurasse processos summarios aos depositarios de bombas e aos bombistas, chegando a fuzila-los, a estes, quando auctores de mortes e incendios, se tanto fosse preciso. Haviam de vê-los, a fazer o jogo dos bandidos. Haviam de vê-los, a berrar com os quadrilheiros, hypocritamente, em nome da *offensa* feita á humanidade e aos principios. Elles podem matar creanças, mulheres, velhos, elles, os portadores e jogadores de bombas, elles podem incendiar um bairro, uma cidade, o que lhes aprouver, sem offensa da humanidade e dos principios. Mas, se os fuzilassem, ai dos auctores d'essa offensa á humanidade, d'esse grave attentado aos principios!

Isto está assim. Meus senhores, isto está assim! E olhem que só ha um remedio. A constituição de qualquer ministerio com gente capaz, moral e intellectualmente, de arcar com as gravissimas difficuldades de momento, não é impossivel. Nem muito difficil. O que é muito difficil é encontrar um ponto de apoio para elle. Isso é que eu reputo muito difficil. Por isso mesmo, todas as tentativas que se fizerem no sentido de reunir gente bem intencionada e disposta a uma campanha de doutrina e de factos é benemerita.

EM SANTAREM

Escrevem-nos d'aquella cidade:

Santarem, 23 de dezembro de 1919.

Ex.mo Sr. Homem Cristo.

Junto a esta envio a V. Ex.a um manifesto, que n'esta cidade foi distribuido, pela reacionaria academia do liceu d'esta cidade, ás ordens de um padre de S. Inacio de Loiola e que ao mesmo tempo é professor do mesmo liceu. Os manifestos foram apreendidos aos estudantes e estes presos e depois de serem interrogados, veio a saber-se que quem os tinha mandado imprimir a Almeirim, tinha sido o dito professor do liceu padre Formigão e que tinham ido á aprovação de um celebre advogado que aqui veio parar, advogado de causas perdidas e que dá pelo nome de Artur Duarte, irmão do celebre oficial de cavalos e dama de companhia do Sidonio I, Teofilo Duarte.

A guarnição de Santarem, isto é: os sargentos, cabos e soldados, viam que no manifesto havia ofensas á sua classe e á Republica, manifestaram-se contra tamanho descaramento. Foi o bastante para que um masmarro que aqui ha que é prior do Salvador desta cidade, e que dá pelo nome de Garcez, reacionario dos quatro costados e que tem por costume confessar pessoas, com especialidade donzelas, nos seus quartos, fosse apresentar no comando militar uma participação contra a corporação de sargentos acusando-os, o que é falso, de quererem assaltar o covil do primo Alvaro ou juventude catolica, onde se planeiam as mais altas poucas vergonhas contra a Republica e contra os democraticos.

Sim, digo os democraticos, porque nesta cidade, tirando estes, os outros ou são monarquicos rotulados de P. R. L. ou ex-republicanos e tubarões. Agora aguardemos o que farão á briosa corporação de sargentos desta cidade e guarnição, que tantas e tantas provas teem dado da sua dedicação á Patria e á Republica, como seja o 14 de maio, a nega dos oficiaes para a França e o 10 de janeiro. Ha aqui outra alma danada que veio importada dos infernos, que é o padre-Rosa e director-proprietario do colegio de Santarem. Este é aqui conhecido pelo padre sinaleiro, pois foi este masmarro quem fez os sinaes luminosos ao inimigo, quando da revolução de janeiro; é um inimigo figadal da Republica (mas encosta-se ao P. R. L.), conspira, difama, ameaça e obriga os garotos que andam no seu coio a ir á missa e a tomar a pastilha ou hostia e a confessarem-se.

Da autoridade nada teem a dizer, a não sermos nós, devido ás suas benevolencias (apesar de ser um republicano que fez parte do 14 de maio e de janeiro) pois já varias vezes tem tido ocasião de pôr mais curto os lacraus, quasi todos sem ocupação (mas protegidos pela talassaria local) que tem reunido e ameaçado os dedicados e bons republicanos.

Um admirador de V. Ex.a.

* * *

Serenamente...

Uma comissão de alunos do Lyceu de Sá da Bandeira tinha resolvido, em nome da grande maioria da Academia, mandar dizer hoje, na egreja de Marvila, pelas onze horas da manhã, uma missa solene, seguida de *libera-me*, por alma do chorado presidente da Republica, doutor Sidonio Paes, cobarde e vilmente assassinado por um democratico, com aplauso de uma grande parte do seu partido, como é publico e notorio.

O administrador do concelho, um tal sr. dr. Medeiros, ex-sargento do exercito, em virtude de ordens superiores emanadas do ministerio da formiga, dirigiu-se hoje, ás nove horas da manhã, acompanhado de alguns policias, para junto da egreja e intimou o parocho a fecha-la imediatamente.

Sua ex.a não se dignou chamar a comissão á sua presença a fim de lhe comunicar a resolução que tomára.

Qual a determinante desse procedimento tão insolito?

Nós bem sabemos que o sr. Medeiros, salvo o devido respeito á sua autoridade de administrador do concelho, que acatamos ainda que fosse exercida por uma autentica cavalgadura, tal é a consideração que nos merece a autoridade, é uma pessoa ordinaria, pouco inteligente e sem cultura, apenas com algumas noções de civismo, mal assimiladas, aprendidas na convivencia com pessoas instruidas e que o toleram.

Mas, com franqueza, não o supunhamos capaz de infringir um preceito tão rudimentar da boa educação e respeito que existe entre todas as pessoas bem educadas.

O sr. dr. Medeiros, que em Abrantes e noutras partes pretendia passar por uma pessoa correcta e delicada, mostrou agora o que era na realidade: um casca grossa.

Que triste exemplo de falta de educação den sua ex,a a seu filho estudante do Liceu!

Generosos, porem, como todos os moços, nós perdoamos ao sr. dr. Medeiros a falta cometida para com os briosos alunos do Liceu de Santarem

Quanto ao mais, não vale a pena indignarmo-nos contra prepotencias descabidas, que só traduzem medo e fraqueza e tem a grande vantagem de intensificar na alma nacional o culto ao sublime martir da Patria, ao heroico Presidente assassinado,

Até um morto os apavora!

Atraz de tempo, tempo vem.

E se alguma vez para felicidade desta desditosa patria, se sentarem nas cadeiras do poder creaturas que não exerçam coações sobre as nossas consciencias, o que fatalmente terá de se dar, porque o paiz já não pode tolerar por mais tempo as prepotencias dos democraticos, faremos, aqui o juramos solenemente pela nossa honra de rapazes de brio, solenes exequias ao Grande Morto, victima da demagogia.

Seja-nos licito terminar com os seguintes trechos do jornal a "Lucta„ devidos á pena scintilante do ilustre republicano, dr. Brito Camacho:

"Mas então os amigos dum morto, fosse ele quem fosse, não teem o direito de chorar com saudade, o direito de erguer preces ao Altissimo, implorando a sua salvação? Se o fazem nos recolhimentos dos templos, embora com aparatos de culto externo a querer tomar proporções de consagração apoleotica, é necessario que ninguem os perturbe na sua devoção, porque o contrario seria dar provas de intolerancia só digna de fanaticos.

. . . . . .

O que é lamentavei, porque nos envergonha, é este espirito de intolerancia que se manifesta a cada passo, intolerancia feroz e que chega a parecer absurda, por via de parte de individuos que se dizem republicanos, tão bons republicanos que passam a vida a defender a Republica.

E' necessario, para honra de nós todos e prestigio da Republica, que um semelhante estado de cousas não continue„

Fazemos nossas as palavras deste ilustre republicano historico, lavrando o nosso mais veemente protesto contra uma violencia inaudita que todos os homens de bem reprovam e que nos degrada aos olhos das nações civilisadas.

Santarem, 18 de dezembro de 1919.

Um grupo de alunos do liceu.

Anda a pedir muita tapona, tudo isto!

Em Mafra

Ex.mo Sr. Homem Christo

Venho informa-lo da flagrante injustiça de que são victimas os sargentos actuaes alunos da Escola Central de Sargentos, em Mafra, dando-se-lhe como recompensa dos seus serviços prestados á Patria e á Republica o conceder-selhes licença **sem vencimento algum** durante as ferias do Natal, que vão de 24 do corrente a 3 de janeiro de 1920, facto este que nunca se deu, pois que a exemplo dos demais estabelecimentos de ensino nunca os alunos foram cerceados nos seus vencimentos durante aquele tempo, tanto mais que a maioria são chefes de familia, acrescendo á carestia da vida o serem os alunos obrigados a comprar papel e tinta para os diversos exercicios escolares. E' pois o dinheiro estorquido aos sargentos reservado para beneficiar alunos de categoria superior como sejam os aspirantes que em breve serão chamados a tirocinio.

M.

Não sei se é de lei. Em todo caso, o signatario tem razão. Moral e financeiramente é... uma miseria.

Arnaldo Fortes

A honra prevalecerá!

Emquanto que, com os olhos postos numa estrela de brilho duvidoso, na translucidez de um céu pardacento e nas incertezas de uma espectativa pouco confiante, me ponho a esperar pelo que me possam trazer os ventos, mais firmes nas decepções amargas do que em surprezas favoraveis, peço aos meus dois unicos leitores d'este periodico, para que me outorguem a honra de lhes apresentar o nome cheio de brilho de Arnaldo Fortes, nome que traduz um caracter do mais fino quilate moral, vulto de altissima nobreza, figura insinuante, energica, tocada da graça hypnotica de um poderoso atractivo.

Em verdade vos digo, preclaros leitores carissimos, que estamos em frente de um talento intrepido, de uma coragem stoica, de uma vontade tenacissima, que nenhuma adversidade abranda e nenhum inimigo intimida.

A ameaça, para Arnaldo Fortes, é o menos eficaz de todos os meios de seducção. Perante uma situação perigosa, ninguem é mais senhor da sua cabeça e domina com mais sangue-frio o coração.

De um grande poder sugestivo, o seu semblante, ao mesmo tempo vivo e meigo, de uma limpidez cristalina, revela a sensibilidade delicada de uma natureza *d'élite*, alma aberta aos mais puros impulsos do sentimento.

A sua vida coteja-se com a dos herois e suporta um grande paralelismo moral com a do nobre director d'este periodico, numa refrega continua contra o Genio do Mal. Ambos victimas abnegadas da crapula politica dos tempos criticos que atravessamos, em que as virtudes civicas, motejadas pelos sarcasmos irreverentes da moda elegante, são perseguidas e humilhadas pelos detentores do Poder, posto ao serviço de todos os bandidos.

Homens fortes, luctadores homericos, almas d'aço retemperado no crisól das mais duras provações, eu vos saudo num hausto de sincéra admiração!

A lucta tem esta coisa grandiosa que nos arrouba a alma em extasis de polarisação galvanica: a gloria que ilumina e embeleza as almas; o heroismo que fortifica e depura os sentimentos.

A pugna titanica está sempre travada entre o bem e o mal, a consciencia e o crime, o civismo e o banditismo. Mas a honra, o direito, a justiça, antes que desajudados da força material, erguem por ultimo os seus trofeus gloriosos. Chega sempre o momento em que o anjo da treva, o idolo do erro sucumbe rolando na lama.

Arnaldo Fortes é, na realidade, um forte. Scintilam na candidez do seu olhar, os fulgores das mais confiantes esperanças. A sua alma franca e generosa, abre-se *d'in promptus*, como um faról, para todos os que abordam a sua palavra vibrante de magnetica emotividade. A dissimulação, essa arma predilecta de todos os covardes, de todos os reptis venenosos, indigna das almas nobres, não a conhece Fortes.

Republicano de principios puros, a sua alma sincéra de indignado, muitas vezes vibrou para apostrofar os vendilhões do templo augusto da Democracia, para ahi convertido e profanado numa agencia dos mais escuros negocios.

E é porisso que ele expia hoje, no seu degredo de Torres Vedras, os delictos das suas grandes virtudes civicas, perseguido de odios facinorosos, que contra ele veem incubando, de longinquas éras, as mais crueis vinganças.

Como deve ser profunda a sua magua ao contemplar o triste espectaculo da sua patria, entregue á deshonestidade mais impudica, prevalescendo sobre a virtude confiante! Como é doloroso vêr a malicia, a perfidia, a infamia, dictar as leis ao civismo, á inocencia, a honra!

Brutus, ao expirar, convenceu-se de que a virtude era uma mentira.

Cristo teria pensado o mesmo quando se viu preterido por Barrabás.

Ferrer, ainda hontem, clamando a sua inocencia, rolou no sólo, crivado das balas dos sicarios da Lei.

Oh! Mas a Historia vingou-os, erguendo-lhes altares! E lançou no Tartaro de eterno oprobio aos seus algozes!

Sublima-se, engrandece-se, exalta-se sempre o homem que se intenta destruir pelos meios iniquos.

Em todos os tempos historicos as perseguições patrioticas deram fóros de nobreza e honras de cidade.

Faltavam a Arnaldo Fortes as consagrações do exilado politico. Possue hoje mais esse titulo a acrescentar aos seus altos meritos. Porque só o homem de meritos distinctos póde concitar contra si as invejas dos mediocres e dos facciosos. Ninguem implica com os nulos, que passam despercebidos sobre a terra. Tanto maior é o valor quanto maior a soma dos invejosos da sua gloria. Foi assim em todos os tempos. Os trofeus de Milciades despertaram sempre os rancores de Themistocles. Era preciso derrubar Arnaldo Fortes, cuja estatura demasiada fazia sombra excessiva. Porisso contra ele se levantaram as acusações mais inverosimeis e fantasticas. Todos os crimes previstos e imprevistos do Codigo Penal lhe foram atribuidos e assacados. E tal carga lhe opozeram os seus implacaveis censores que o publico, que os conhece, desconfiou logo da probidade dos Catões de Pechisbeque.

Nunca haverá socego nas sociedades emquanto se não pode eliminar de seu seio essa choldra de intrigantes a que se dá o nome de politicos, mas que não passam de grandes miseraveis. Emquanto se não poder extinguir esta vil raça de malfeitores publicos, serão inuteis todas as tentativas de implantação do principio da fraternidade universal, esse reinado divino sonhado por uns parvos cronicos que dão pelo nome de filosofos e filantropos.

Portugal pôde libertar-se de reis incapazes. Mas não pôde ainda ver-se livre dos politicos de oficio, que são os mais perigosos de todos os animaes ferozes. Foram estes, bandidos organizados em quadrilhas, que perderam a monarquia e hão-de, com a Republica, estrangular a propria Patria!

J. Baptista de Lemos.

Caminhos de Ferro do Estado

Ex.mo Sr. Homem Christo

O seu belo jornal o unico que deveria ser lido de preferencia pelos bons patriotas, encerra geralmente punhados de verdades esclarecendo os ingenuos e dando p'ra baixo sem olhar a cores politicas sempre que os homens erram propositada, imbecil ou criminosamente. Conscio da vossa invulgar independencia e ainda mais dos vossos comprovados dotes de superior inteligencia e radical republicanismo, apelo para V. Ex.a para que se digne apreciar o que é o Conselho d'Administração dos Caminhos de Ferro do Estado, que abrange os serviços das Direcções do Minho e Douro e do Sul e Sueste. A' frente d'este Conselho estão dois sidonistas (monarchicos ferrenhos) um chamado Pinto Ozorio, que é o presidente, e um tal Barboza Pitta, que era factor ou cousa similhante da Companhia do Norte e Leste, arvorado em secretario, logar que sempre foi desempenhado por engenheiros conhecedores do métier, emquanto este é um incompetente para o desempenho de taes funções e conhecido pelo pessoal do Concelho como simples secretario do presidente cuja incompetencia para o logar que exerce é tambem manifesta nas cousas mais simples.

Estes figurões acolitados por outros sidonistas-monarchicos procuram por todas as fórmas desagradar aos funcionarios do Conselho porque estes não teem elementos de resistencia para greves ou outros quaesquer actos que possam contribuir para a sahida d'eles d'esses logares excessivamente bem pagos e mal desempenhados visto que o deficit orçamental dos Caminhos de Ferro do Estado, desde que a sua Administração está confiada a estes cavalheiros tem-se agravado de um modo pavoroso estando em completo estado de falencia. Um tal Brito Guimarães, camachista-sidonista-monarchico, creou um Conselho composto dos seus correligionarios, augmentando extraordinariamente a despeza, como é facil averiguar confrontando a ultima folha do antigo Conselho (os competentes) com a 1.a e seguintes do actual incompetente Conselho.

Estes figurões odeiam os republicanos que servem nas repartições que constituem os serviços centraes do Conselho, cerceando por isso quantas regalias uzufruiam desde o seu inicio, a ponto de lhes retirarem os passes da Beira Alta, e agora querem tirar-lhes os passes da C. P., para os entregarem a empregados do M. D. e do S. S., por estes assim o exigirem, apesar de terem menos direito a eles do que os funcionarios que sempre os tiveram. A razão é porque o pessoal das Direcções se impõe e pode fazer greve exigindo a sahida dos comilões e é precisamente o que eles temem é perder as *gamelas* e portanto carregam em quem pode oferecer seria resistencia. Isto é covardia que revolta os atingidos a ponto de os poder fazer anarchistas á força das circunstancias.

A paciencia tem limites e a ousadia d'estes *gameleiros* deve ser sopeada pelos atingidos, visto que ha governantes que no proprio Congresso do partido democratico se arvoraram em advogados de defeza de taes charlatães-gameleiros. Veja V. Ex.a como se defendem as instituições? Colocam em logares que deviam ser confiados a republicanos, acerrimos inimigos do regimen.

Qualquer dia não será d'estranhar que convidem o Moreira d'Almeida para a pasta do Interior, o Ayres d'Ornellas para a guerra e o celebre capitão-*fadista tarimbeiro* para retomar o comando da policia da capital. Isto já deixa de revoltar para enojar.

Agradecendo a publicação, confesso-me

De V. Ex.a
M.° Att. Venr. e Adm.

17—12—919.

M. M.

Carta de Angola

BALOMBA, 20 de outubro de 1919.

Ex.mo Sr. Homem Christo.

Sou funcionario publico, do quadro administrativo, a unica classe que aqui em Angola mete anualmente milhares de escudos nos cofres do Estado, mas em compensação a mais mal paga. O quadro dos chefes dos Postos Civis, de que faço parte, ganha por mês 20$29 Esc. !!!

Tem por cada cubata que arrolem e cobrem $09!! Agora o inverso. 1 par de botas 20$00 esc.; cada metro de cotim ordinario 1$60, idem de caqui 2$20. Um fato de casimira 70 a 80 escudos.

Arroz $80, assucar $60, bacalhau 2$50; e assim tudo em comparação com este pequeno pano de amostra.

Em compensação, grandes tubarões, sanguesugas, ganham em Loanda, metidos em luxuosos gabinetes milhares de escudos sem nada fazerem, sem terem responsabilidades, e atribuições que teem os chefes dos Postos.

O chefe do Posto tem pouco mais ou menos as seguintes atribuições:

Administrativas, judiciais, militares, de procuradoria, etc., etc., isto é, mais atribuições do que um governador de Distrito em Portugal. Se V. Ex.a me der licença publicarei, debaixo de um pseudonimo, diversos artigos explicando o que isto é, atribuições e ganhos, enfim a ver se conseguimos melhoria de situação já que tão mal tratados fomos pelo sidonismo representado pela sinistra figura do Filomeno da Camara, que nunca devia ter vindo á Africa.

Aumentou ordenados a quem d'isso não precisava e em compensação, áqueles que mantem a ordem por esses sertões fóra cortou-lhes a percentagem, mas em compensações aumenta-lhes o ordenado, que nunca foi pago, sendo sim, mantidas percentagens modernas com ordenados antigos! Já viu uma infamia destas!! E depois exigem honestidade nos chefes dos Postos!!

Se V. Ex.a desejar publicar esta carta, bordando sobre ela algumas das suas justissimas considerações, poderá fazê-lo, cortando porém a direcção e o nome de quem esta escreve, pois que aqui as perseguições tambem estão em moda, especialisando aquelas que são feitas a quem tem a coragem de dizer a verdade. A republica aqui tambem faliu como faliu em Portugal.

Fico aguardando a autorisação pedida e o jornal.

Termino, pedindo que casque neles, tanto nos dahi como nos daqui, e das outras colonias, pois julgo que todas se queixam do mesmo mal.

Peço que disponha do que é

Am.o vnd. e obg.
R.

Note bem. Vou-lhe fazer as contas de quanto ganha um chefe de Posto:

Ordenado anual		300$00
Supondo que arrole e cobre 7:000 cubatas a $09		630$00
1000 currais que cobre, percentagens aliás gratificação dada pelas Comissões Municipais, a $240		240$00
		1.170$00
Temos pois		1.170$00
Agora descontos:		
4$71 no ordenado por mez	56$52	
10 % nas percentagens para a Fazenda Nacional	87$00	= 143$52
Liquido a receber		1.026$48

Isto são contas referentes a quem arrole e cobre 7.000 cubatas! Mas olhe que ha Postos civis que arrolam mil cubatas!!

Embora se pague tanto dinheiro ao Estado não temos direito a hospital, licença graciosa, reforma e somos todos interinos.

Em compensação, os negros que são empregados publicos, teem direito a ir a Portugal, com licença, ordenado por inteiro, hospital, reforma, enfim todas as regalias. Nós, os brancos, os que damos dinheiro ao Estado, somos desprezados e tratados peor que animais

R.

Resposta simples

Ex.mo Senhor Homem Christo

Peço a V. Ex.a a publicação do seguinte:

O extracto do *Diario de Noticias* que foi remetido a V. Ex.a diz claramente que as condecorações dadas aos oficiaes do ministerio das colonias foram por serviços prestados em campanha, *serviços* que não se sabe quaes sejam, porque os oficiaes citados os não prestaram.

Sabendo-se que o *Diario de Noticias* costuma colher de boa fonte as informações que insere nas suas columnas, produziu extranhesa nos meios militares o dar-se como entrados em campanha individuos que não tomaram parte nas operações. Este é que é o verdadeiro caso, e a *O De Aveiro* o comuniquei por o julgar susceptivel de reparo, como muitos outros sucedidos n'estes desgraçados tempos de compadrios, e que V. Ex.a estigmatisa com a rijesa do seu pulso de aço e com a indignada colera do seu temperamento de luctador inegualavel. Só isto, e já não é pouco!

E' o que, por agora, devo dizer a V. Ex.a, pelo muito respeito e estima que tenho pelo meu antigo superior hierarchico, e deito á margem o arrasoado de *Um oficial inferior do exercito* que, devendo procurar *outro oficio*, com tal despejo possa livremente referir-se a oficiaes superiores, e mostre, d'est'arte, a sua *competencia profissional!*

Sou De V. Ex.a
Adm. e muito obrigado
C. de M.

Lusitano Brites
Consultor Juridico do Ministério do Trabalho
ADVOGADO
LISBOA—Chiado, 29-2.° D.